

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA - SUPLEMENTO
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY - SUPPLEMENT 4.2

ORGS.

Amílcar Guerra · Hermenegildo Fernandes
Nuno Simões Rodrigues · Martim Aires Horta



הַכֹּל רֵאָתָה עֵינַי
OS MEUS OLHOS
VIRAM TODAS ESSAS COISAS

ESTUDOS EM HOMENAGEM
A JOSÉ AUGUSTO RAMOS

TOMO II

CH
UL



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

SUPLEMENTO | SUPPLEMENT

4

הוֹ-כֵּל רְאֵתָהּ עֵינַי

Os meus olhos viram todas essas coisas

Estudos em Homenagem a José Augusto Ramos

TOMO II

Organizadores:

Amílcar Guerra
Hermenegildo Fernandes
Nuno Simões Rodrigues
Martim Aires Horta



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

SUPLEMENTO 4 | SUPPLEMENT 4

TOMO II

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnês García-Ventura (Universitat Autònoma de Barcelona), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Breno Batistini Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa)

Título | Title

הָן כָּל רְאִיתָה עֵינַי

Os meus olhos viram todas essas coisas. Estudos em Homenagem a José Augusto Ramos.

Organizadores do Suplemento | Supplement Organisers

Amílcar Guerra, Hermenegildo Fernandes, Nuno Simões Rodrigues, Martim Aires Horta

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Carlos Pereira, Gonçalo Matos Ramos, Inês Simão Sebastião, João Correia da Conceição, Sofia Beato

Revisão Editorial | Copy-Editing

André Margado, Carlos Pereira, Gonçalo Matos Ramos, Inês Simão Sebastião, João Correia da Conceição, Martim Aires Horta, Sofia Beato

Comissão Científica do Suplemento | Supplement Editorial Board

Alberto Bernabé Pajares (Universidad Complutense de Madrid), Arnaldo do Espírito Santo (Universidade de Lisboa), Gregório del Olmo Lete (Universitat de Barcelona), Jan N. Bremmer (Rijksuniversiteit Groningen), José Barata-Moura (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Silva (Universidade de Coimbra), Manuel José Clemente (Patriarcado de Lisboa), Maria Helena da Cruz Coelho (Universidade de Coimbra), Maria do Rosário de Sampaio Themudo Barata de Azevedo Cruz (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica da Revista | Journal Editorial and Scientific Board

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Universität Basel), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vitta (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico)

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Imagem da Capa | Cover Image

Almada Negreiros, *A fuga dos hebreus do Egipto conduzidos por Moisés*, 1961
Gravuras Incisas da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa
Fotografia de Amílcar Guerra

Impressão | Print: SERSILITO - EMPRESA GRÁFICA

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

ISBN: 978-989-8068-42-2

Depósito legal (Cadmo): 54539/92

Depósito legal: 524995/23

Tiragem: 250 exemplares

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon

Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL

Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63

cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020. This work is financed by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology, I.P. in the scope of the projects UIDB/04311/2020 and UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

אמר הרבי מרז'ין:

כשם שהאותיות הקדושות בלי הנקודות אין להן קול והנקודות בלי האותיות אין להן קיום, כך תלויים הצדיקים והחסידים אלו באלו. הצדיקים הם האותיות, והחסידים הנוסעים אליהם הם הנקודות, החסידים צריכים לצדיק, אבל לא פחות מזה צריך הוא להם, שעל־ידיהם יוכל להתעלות, ועל־ידיהם יוכל חס ושלום לרדת; הם נושאים את קולו, הם מפיצים את מעשיו בעולם.

O Rabi de Ruzhyn disse:

Tal como as consoantes sem sinais massoréticos não têm som, e os sinais sem letras não têm onde se agarrar, assim também os mestres (*Tsadikim*) e discípulos (*Hassidim*) se penduram uns nos outros. Os mestres são as letras e os discípulos que vão ter com eles são os diacríticos. Os discípulos necessitam do mestre não menos do que este mesmo deles precisa: com eles se eleva e com eles, Deus o impeça, pode cair. Eles carregam a sua voz, eles ressoam o seu trabalho por todo o cosmos.

“Ditos de Israel de Ruzhyn (1796-1850)”

recolhidos por Martin Buber
para *Contos dos Hassidim* (1946)



ÍNDICE

- 15 **Noite chuvosa. Fecunda, porque disponível**
Lopes Morgado
- 21 **IV - Medievos Abraâmicos**
- 23 **God's infinite freedom according to Anselm of Canterbury's *Cur Deus Homo***
A infinita liberdade de Deus segundo o Cur Deus Homo de Anselmo de Cantuária
Paulo Ricardo Martines
- 35 **Literacia, carisma, *status*:**
Diferenças e paralelismos no modelo escrituralístico islamo-cristão
na Ibéria Medieval (um esboço)
Literacy, charisma and status:
Difference and parallels in the islamo-christian scripturalist model
of Medieval Iberia (framework for further study)
Hermenegildo Fernandes
- 51 **Zoroastrianism and arab islamization**
Zoroastrianismo e islamização árabe
Maria João Tomás
- 65 **O rei Esmar e a "Batalha" de Ourique: Uma identificação**
a partir das fontes muçulmanas
King Esmar and the so-called Battle of Ourique: An identification
based upon the muslim sources
Inês Lourinho
- 81 **Estratégias onomásticas de uma linhagem. Um caminho para a ascensão**
dos de Sousa
Onomastic strategies of a lineage. A path to the rise of the de Sousa family
João Correia da Conceição
- 105 **Os rostos e as vozes das mulheres em clausura: O poder do silêncio**
The faces and voices of cloistered women: The power of silence
Maria Filomena Andrade
- 119 **Os mosteiros portugueses na Idade Média:**
Um caso de estudo
Portuguese monasteries in the Middle Ages:
A study case
Julieta Araújo
- 133 **A livreria de D. Fernando, "O Infante Santo":**
Os textos litúrgicos
The library of D. Fernando, "The Holy Prince":
The liturgical texts
Armando Norte

- 167 **Judeus moradores em Lisboa, em documentos quatrocentistas do Arquivo da Casa do Duque de Cadaval**
Jewish residents in Lisbon, in fifteenth-century documents belonging to the House of the Duke of Cadaval Archives
Bernardo de Sá-Nogueira
- 179 **“Quando morreu el-rei D. Afonso V”**
A boa memória do “Africano” num registo, de 1481, do Cabido da Sé de Coimbra
“When the King D. Afonso V died”
The good memory of the “Africano” in a register, from 1481, of the chapter of the cathedral of Coimbra
Saul António Gomes
- 187 **V - Reencontros nas Modernidades**
- 189 **O Islão e a expansão portuguesa**
Islam and the Portuguese expansion
António Dias Farinha
- 195 **“Um retorno ao Massacre de 1506”**
Os judeus que moravam em Lisboa na época do massacre.
“A Return to the Massacre of 1506”
The Jews who lived in Lisbon at the time of the massacre.
José Alberto Rodrigues da Silva Tavim
- 207 **Ritmos de preocupação com o Turco nas primícias do Estado da Índia (1505 – 1515): as cartas de Afonso de Albuquerque em análise**
Measuring the Turk's menace in the early stages of the State of India (1505-1515): Analysing the letters of Afonso de Albuquerque
Gonçalo Matos Ramos
- 225 **Jerónimo Osório e a sua Paráfrase ao Livro de Job**
Jerónimo Osório and his Paraphrase to the Book of Job
Geraldo Morujão
- 237 ***Limae labor et mora* em António Ferreira: A tragédia *Castro***
Limae labor et mora in António Ferreira: *The Castro tragedy*
Nair de Nazaré Castro Soares
- 249 **Apontamentos para a História da Sexualidade em documentos inquisitoriais**
Primeira visitação do Santo Ofício ao Brasil. Confissões da Bahia 1591-92
Notes to the History of Sexuality in inquisitorial documents
First visitation fo the Holy Office to Brazil. Confessions of Bahia 1591-1592
Arnaldo do Espírito Santo

- 261 **Estrutura e ação no licenciamento das artes de cura especulativas no Portugal quinhentista: O caso do físico Tomás da Fonseca**
Structure and agency in the licensing of speculative healing arts in sixteenth century Portugal: The case of the physician Tomás da Fonseca
Luís Ribeiro Gonçalves
- 279 **Discrepâncias do Humanismo Português na Época Moderna**
Portuguese Humanism peculiarities in Modern Age
Elvira Azevedo Mea
- 291 **O primeiro capítulo da secção “De coitu” do *De universa mulierum medicina* de Rodrigo de Castro: Visão geral e tradução**
The First Chapter of the Section “De Coitu” of Rodrigo de Castro’s De universa mulierum medicina: Overview and Translation
Bernardo Mota
- 307 **Uma carta do Clero Galicano sobre a provisão dos Bispados Portugueses (1651)**
A letter from the Gallican Clergy about the provision of Portuguese Bishoprics (1651)
André Simões
- 319 **Leituras de Tácito na obra do Padre António Vieira**
Readings of Tacitus in Vieira’s works
Maria Cristina Pimentel
- 335 **Utopia sem Miopia**
Índios, Colonos e Jesuítas em duas cartas inéditas do Padre António Vieira. Introdução, transcrição e versão do latim
Utopia without Myopia
Indians, Settlers and Jesuits in two unpublished letters by Father António Vieira. Introduction, transcription and translation
José Carlos Lopes de Miranda & Carlos Alberto de Seixas Maduro
- 359 **Francis Bacon e uma utopia cooperativa**
Francis Bacon and a cooperative utopia
Maria Luísa Ribeiro Ferreira
- 367 **Podere e bens das rainhas no Império Português (séculos XVII – XVIII): Para um estudo preliminar**
Powers and goods of the queens in the Portuguese Empire (XVII-XVIIIth centuries): For a preliminary study
Maria Paula Marçal Lourenço
- 377 **Clima, catástrofes naturais e epidemias nos Açores setecentistas**
Climate, natural disasters and epidemics in 18th century Azores
José Damião Rodrigues

- 393 **O *ius cosmopolitanum* de Kant: Um legado da “Escola Ibérica da Paz” na tardia Modernidade?**
Kant’s ius cosmopolitanum: A legacy of the ‘Iberian School of Peace’ in Late Modernity?
Leonel Ribeiro dos Santos
- 413 **VI - Paisagens Contemporâneas**
- 415 **A Religião Visível. Os usos sociais do conflito na Europa contemporânea**
The Visible Religion. The social uses of conflict in contemporary Europe
Alfredo Teixeira
- 425 ***Quelque chose de pourpre*: Flaubert e a construção da imagem de Cartago**
Quelque chose de pourpre: Flaubert and the construction of Carthage’s image
Francisco B. Gomes
- 439 **Augusto Soromenho (1834-1878), professor do Curso Superior de Letras e epigrafista**
Augusto Soromenho (1834-1878), lecturer at the Curso Superior de Letras and epigraphist
Amílcar Guerra
- 455 **Creating a portuguese biblical network: The British and Foreign Bible Society in Portugal in the transition between the 19th and the 20th century**
Criar uma rede bíblica portuguesa: A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira em Portugal na transição dos século XIX e XX
Rita Mendonça Leite
- 473 **Das pesquisas no Egito ao megalitismo do Ocidente da Península Ibérica: Georg Leisner (1870-1957) e as redes internacionais da investigação arqueológica**
From research in Egypt to the megaliths of Western Iberia: Georg Leisner (1870-1957) and the international networks of archaeological research
Ana Catarina Sousa & Michael Kunst
- 493 **Por Alvito, com Fialho de Almeida**
Through Alvito, with Fialho de Almeida
Emília Salvado Borges
- 513 **Schwarz 1880-1953. Judeu português, historiador e arqueólogo**
Samuel Schwarz 1880-1953. Portuguese jew, historian and archaeologist
João Medina
- 523 **Extraordinária Ordem: Fátima, afectos religiosos e a imaginação política católica em Portugal (c. 1910 – c. 1950)**
Extraordinary order: Fátima, religious affects and the catholic political imagination, c. 1910-c.1950
Tiago Pires Marques

- 543 **Trajes brancos para esconder a nudez: Mudança de roupa como metáfora da vida cristã, no Novo Testamento e em C. S. Lewis**
White garments to cover nakedness: clothes changing as a metaphor for christian life in the New Testament and in C. S. Lewis
Rui Miguel Duarte
- 561 **Jorge de Sena, “Como a Gilgamesh...”, em *Quarenta Anos de Servidão***
Jorge de Sena, “Como a Gilgamesh...”, in Quarenta Anos de Servidão
Helena Carvalhão Buescu
- 563 **A Bíblia em BD: Um exemplo da história da queda de Saul e da ascensão de David**
The Bible in Comics: An example of the story of the fall of Saul and the rise of David
Inês Simão Sebastião
- 585 **Sobre o tempo e o Natal em António Arnaut**
On time and Christmas in António Arnaut
Delfim Leão
- 593 **Daniel and Apocalypse: scapegoats for 21st Century Violence?**
Daniel e Apocalipse: bodes expiatórios para a violência no séc. XXI?
Ana T. Valdez
- 605 **VII - Traduzir, interpretar, historiar**
- 607 **Ambiguidades e trivializações, em tradução: Aporias e responsabilidades**
Ambiguities and trivialities, in translation: Aporia and Responsibility
Aires A. Nascimento
- 619 **Ásia: Contributo para uma genealogia**
Asia: Notes for a genealogy
Luís Filipe Barreto
- 643 **Vergílio, o clássico da Europa, porquê?**
Vergil, the classic of Europe, why?
Luís Manuel Gaspar Cerqueira
- 653 **A universalidade da Hermenêutica: Dilthey e Gadamer**
The universality of Hermeneutics: Dilthey and Gadamer
Carlos João Correia
- 667 **Magalhães, uma biografia de Stefan Zweig e a escrita da História**
Magalhães, a biography from Stefan Zweig and the writing of History
Armando Martins

- 683 **Interrogações sobre uma h(H)istória de Portugal...**
de John Dos Passos, ou construções de um discurso historiográfico...
Inquiries into a History/story of Portugal...
by John Dos Passos, or the making of a historiographical discourse...
Ana Paula Menino Avelar
- 693 **Pensare o Farne a Meno? La Scelta tra Certezza e Libertà**
To Think or Not to Think: The choice between certainty and freedom
Maria Fernandes
- 703 **O caleidoscópio levantino entre memórias, paradoxos e enigmas**
The levantine kaleidoscope among memories, paradoxes and enigmas
Teresa M. L. R. Cadete
- 715 **O papel e os desafios do tradutor bíblico: O caso da tradução interconfessional em Português Corrente**
The role and challenges of the Bible translator: The case of the Interconfessional Translation in Current Portuguese
Timóteo Cavaco



Mordecai Ardon, Ribeira de Kidron (נהל קדרון), 1942
Museu de Israel, Jerusalém - © Ardon Estate
Fotografia © The Israel Museum, Jerusalem por Yoram Lehman

diante de si, só porque já não temos dinheiro?"

16 José dizia-lhes: " Se vocês não têm dinheiro, tragam-me os vossos gados, que eu dou-vos ~~trigo~~ trigo em troca dos animais." 17 Eles levavam os seus rebanhos a José e ele distribuía-lhes trigo em troca de cavalos, de rebanhos de ovelhas e vacas e de burros e, durante aquele ano, foi-lhes distribuindo ^{mantimentos} ~~trigo~~ em troca dos seus gados.

No ano seguinte,
18 ~~Passado aquele ano,~~ foram de novo ter com ele ~~no ano seguinte,~~ e disseram-lhe: " Não podemos negar que se nos acabou o dinheiro e que o gado já está também em seu poder. Nada mais nos resta a não ser o nosso corpo e as nossas terras. 19 Será que temos de morrer diante de si? Aceite-nos a nós e aos nossos campos em troca de trigo. Assim seremos nós escravos e os nossos campos propriedade do faraó. Mas dá-nos a semente, para que possamos sobreviver e para que a nossa terra não fique em perda."

20 Assim José comprou as terras do Egipto para o faraó, pois os egípcios foram vendendo todos os seus campos, porque a fome era grande. Mas as terras dos sacerdotes não foram vendidas, porque eles tinham de dar ao faraó uma parte das suas terras para ser propriedade do faraó. 21 Quanto ao povo, dum extremo ao outro do Egipto, obrigou-o a emigrar para as cidades.

22 Só as propriedades dos sacerdotes é que ele não comprou, porque os sacerdotes, tinham recebido do faraó ~~trigo~~ em grãos alimentados ~~do faraó~~ o faraó ~~destinava~~ destinava uma certa porção de mantimentos e eles foram comendo disso ~~do que~~ lhes dava o faraó e não tinham necessidade de vender as suas terras.

23 José disse então ao povo: " Desde agora, vocês e as vossas terras ficam a ser propriedade do faraó. Aqui têm semente, para semear as terras. 24 Mas devem dar a quinta parte das colheitas ao faraó. As outras quatro partes ficam para vocês, para comerem com os vossos filhos e com todos os que vivem em vossa casa."

a/ O texto Samaritano e a versão dos Setenta dizem " fez deles escravos".


A Religião visível

Os usos sociais do conflito na Europa contemporânea

The visible Religion

The social uses of conflict in contemporary Europe

Alfredo Teixeira

Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião, Universidade Católica Portuguesa
alfredo.teixeira@ff.lisboa.ucp.pt |  0000-0002-8946-5538

Resumo: No contexto das novas formas de visibilidade da religião, descobrem-se diferentes lógicas de ação marcadas pelo conflito, no espaço público europeu. As remodelações em curso tornam patentes diversas modalidades de uso do conflito como estratégia de reconhecimento. Este texto propõe algumas perspetivas interpretativas para esse fenómeno, com uma particular atenção ao sentido de uma mudança: a passagem de modelos centrados na negociação entre as instituições religiosas e o estado para dinâmicas de afirmação da diversidade religiosa a partir da reivindicação de autonomia individual.

Palavras-chave: indivíduo; espaço público; conflito; diversidade religiosa.

Abstract: In the context of the new forms of visibility of religion, different logics of action, marked by conflict, can be discovered in the European public space. The current changes reveal several ways of using conflict as a recognition strategy. This text proposes some interpretative perspectives for this phenomenon, with particular attention to the meaning of a change: the transition from models centered on negotiation between religious institutions and the state to dynamics of affirmation of religious diversity based on the demand for self-autonomy.

Key-words: self; public arena; conflict; religious diversity.

Este breve ensaio proporá algumas hipóteses interpretativas para as dinâmicas sociais que constroem as novas formas de visibilidade do religioso na cena pública europeia.¹ Num primeiro momento, procura-se mapear diferentes planos de expressão do conflito, no tocante à afirmação pública da identidade religiosa. Num segundo momento, ensaia-se a demonstração de que está em curso uma ampla remodelação no que toca aos quadros sociais de relação das instituições e agentes em jogo. Nos modelos de laicidade mais convencionais, estes problemas são pensados no plano da negociação entre o Estado e as identidades religiosas na sua expressão coletiva. No entanto, como se sublinhará, é também a partir do imperativo da liberdade de consciência e da narrativa da emancipação individual que o religioso se recompõe

¹ Nesta homenagem ao Prof. José Augusto Ramos, recordo uma das minhas primeiras aprendizagens, frequentando os seus estudos e conferências: as cosmogonias são, também, narrativas políticas.

na cena pública, contexto que afeta o funcionamento dos dispositivos de medição política historicamente construídos.

Este itinerário permitirá colocar a hipótese de que o núcleo das tensões próprias da modernidade europeia não se encontre, em primeira instância (ou pleno menos, apenas), nessa oposição entre religião e política, mas na cesura entre a experiência coletiva e a afirmação da autonomia do indivíduo. Essa descontinuidade pode descrever-se num arco plural de categorias políticas: holismo/individualismo, comunidade/sociedade, etnicidade/cidadania, entre outras.

As lógicas do conflito

Numa primeira via, os conflitos desenham-se a partir da lógica das estratégias de grupos de interesse, com particular expressão nas relações entre organizações religiosas e poderes públicos. Esses conflitos dizem respeito, recorrentemente, às diversas formas de visibilidade religiosa e de reconhecimento institucional. Veja-se o caso das reivindicações e negociações relativas à construção de lugares de culto ou à construção de edifícios que possam ser veículos de transmissão da memória religiosa (monumentos, museus, centros de interpretação, etc.). No que concerne aos locais de culto, as negociações mobilizam particularmente os agentes da política municipal ou regional. Em Lisboa, a zona do Martim Moniz foi palco da implementação de uma política local de mediação, tendo em conta a diversidade religiosa que aí se condensa. José Mapril deu conta, na sua investigação, do papel que a identificação ou edificação de locais de culto pode ter nas dinâmicas de remodelação das identidades – no caso, a recomposição do islão bangladechiano, num quadro de transnacionalidade.² Por vezes, as próprias comunidades religiosas se tornam contextos favoráveis de mediação. Na Área Metropolitana de Lisboa, a Igreja Kimbanquista foi realojada na Quinta da Fonte, no município de Loures, por altura das obras da Ponte Vasco da Gama. Aí Igreja ganhou algum protagonismo no quadro das políticas implementadas pelas autoridades municipais de Loures – recorde-se que a Câmara Municipal de Loures tinha criado, em 1993, o “Gabinete de Assuntos Religiosos e Sociais Específicos”. Naquele contexto, aquela Igreja teve um reconhecido papel de moderação e mediação, ajudando a ultrapassar cenários de conflituosidade ética.

Estes contextos são, frequentemente, o palco de processos de politização das questões religiosas. Tomando o caso da discussão pública acerca do uso de signos religiosos nos estabelecimentos de ensino em França, em 2003-04, a politóloga F. Lorcerie mostrou como esse caso foi fortemente mobilizador dos diferentes atores e instituições políticas, tornando-se um lugar de reconfiguração da própria cena política institucional e de renovação dos discursos acerca da identidade nacional.³

2 Mapril 2012, 197-22.

3 Lorcerie 2013, 15-21.

Este é o domínio em que importa testar a distinção entre conflitos sociais divisíveis e indivisíveis, proposta por Albert Hirschman.⁴ Os primeiros, que suscitam mecanismos de negociação diversos, são típicos de uma sociedade de mercado, sociedade em que o domínio social se divide em classes, setores ou regiões. Os segundos – de natureza religiosa, étnica, linguística ou moral – têm um carácter inegociável, porque dizem respeito a objetos não divisíveis e, por isso, diminuem o intervalo do compromisso. Na medida em que este tipo de conflito se estruture a partir da vinculação incondicional a uma mundividência, podem ser necessários outros recursos políticos. A opinião pública tende a ver este tipo de conflito como o mais perigoso para as sociedades democráticas. No entanto, esta distinção não deve ser absolutizada, mesmo se ela tem alguma força analítica, sob o ponto de vista teórico. Um olhar socioantropológico multissituado depressa descobre que a relação entre as mundividências e a ação dos indivíduos se descreve por laços complexos e frágeis. São abundantes as situações em que os indivíduos, partilhando uma mesma visão do mundo, tomam decisões contrastantes, agem de forma vincadamente diferente.⁵ Por outro lado, por vezes, uma determinada afirmação de interesse é tomada como dizendo respeito a uma comunidade de pertença religiosa, quando, de facto, diz respeito a um conjunto de atores dentro desse grupo. A análise destas situações de conflito exige o conhecimento do pluralismo interno.

Os conflitos podem ser analisados, também, numa segunda via, a partir da observação das fronteiras entre os grupos. A distinção entre “nós” e os “outros” está no cerne dos processos de construção social. Quanto se analisam as dinâmicas de conflito nas sociedades, é útil perceber que tipo de fronteira está em causa. Há fronteiras sociais que se objetivam nas formas desiguais de acesso a diferentes bens, materiais e imateriais. Mas há também fronteiras simbólicas, constituídas a partir das representações usadas para qualificar e diferenciar objetos, pessoas, tempos e espaços. O uso da memória religiosa para a construção de fronteiras nacionais tem amplas variações. C. A. Bail,⁶ num estudo comparativo, mostrou como esse recurso tem tido uma relação direta com os fluxos de imigração, que favorecem a constituição, no território, de grupos com memórias religiosas distintas. A emergência do diverso pode suscitar a ativação de diferentes formas de rememoração e reidentificação religiosas.

Em algumas das formas de maior impacte, a gramática do conflito de valores é o principal recurso para classificar um conflito de étnico ou religioso. Isso pode acontecer tanto no contexto de populações com características maioritárias, como em contextos de identidades minoritárias. Os discursos acerca da incompatibilidade entre sistemas de valor são um dos substratos dos processos de contra-identificação – ou seja, a representação de si através da construção de uma imagem dos “outros”. Françoise Lorcerie, num estudo acerca dos usos do islão em França, procurou mostrar como a lei de 2004, sobre os sinais religiosos, se definiu num quadro argumentativo próximo da lógica do “pânico moral”.⁷ As amplas discussões

4 Hirschman 1994.

5 Lamine 2013, 217.

6 Bail 2008.

7 Lorcerie 2013.

sobre o uso do véu integral revelavam-se desproporcionais quando considerado o escasso número de pessoas envolvidas, no território francês. Mas essa desproporção pode encontrar-se também em contextos minoritários. A antropóloga Clara Mafra⁸ mostrou como, no início da sua implantação em Portugal, os pregadores da IURD sustentavam a ideia de perseguição em termos notoriamente desmesurados, tendo em conta os factos sociais.

Deve sublinhar-se, também, que estas fronteiras entre grupos são móveis.⁹ Por exemplo, os estudos realizados nos anos 90 sobre as comunidades de imigrantes, oriundos de espaços islamizados, mostraram que diversas Igrejas cristãs tiveram um importante papel na integração dessas populações. Nesse contexto social, o islão não era visto como corrente no tecido plural da oferta de bens religiosos. Com frequência, os imigrantes muçulmanos eram integrados nas redes de cuidado social, onde as igrejas têm uma particular presença – sobretudo em situações onde não era ainda possível reconstituir as civilidades e solidariedades islâmicas.¹⁰ Num outro contexto, quando numa votação de iniciativa popular, realizada no dia 29 de novembro de 2009, a população helvética foi consultada acerca da construção de novos minaretes, os cenários apresentavam novos contornos. O estudo de Sébastien Fath¹¹ mostrou que a tendência para a limitação de novas construções estava fortemente presente nos votantes pertencentes a Igrejas evangélicas, mesmo se as suas lideranças e outras instituições, no espaço público, manifestaram posições que não acompanhavam essa tendência. Tome-se ainda outro exemplo. Num estudo de Anne-Sophie Lamine,¹² a socióloga refere-se ao depoimento de um padre católico que identificava os termos de uma ampla remodelação das fronteiras, no catolicismo francês, entre os anos 60 e o início do século XXI. Anteriormente, para o católico, a figura do “outro” era preenchida pelo ateu. Agora, na sua perspectiva, o “outro” é o hiper-religioso, aquele que se representa a partir de uma identidade religiosa forte, contrastante com a imagem de um catolicismo discreto herdada dos anos 1960. O padre católico observava como, por exemplo, pode ser difícil encontrar um jovem católico com a competência necessária ao debate, com o seu colega muçulmano, acerca da figura de Jesus como profeta.

Numa terceira via interpretativa, os conflitos podem ser lidos como forma de interação, com resultados construtivos nos processos de socialização e de construção da coesão social. Uma parte importante destes novos cenários resulta de recomposições na escala das identidades e poderes locais e não já no plano convencional das formas de regulação do Estado central. Os problemas relacionados com locais de culto, cemitérios, reconhecimento de interlocutores, dietas e outras civilidades, em estabelecimentos públicos, põem problemas novos, na escala do poder local, na Europa. Alguns municípios, no quadro dos seus programas de inovação institucional, responderam a estes novos contextos com a criação de instâncias de mediação especificamente vocacionadas para a intervenção na área do pluralismo religioso. Em muitas

8 Mafra 2002, 29-59.

9 Lamine 2013, 221.

10 Galember 2003.

11 Fath 2013.

12 Lamine 2004, 249.

destas circunstâncias, os conflitos podem desenvolver um ambiente favorável ao conhecimento e à implementação de processos socializantes. Por um lado, a presença de autoridades locais nos grandes acontecimentos das comunidades de pertença religiosa tornou-se mais frequente. Por outro, os próprios poderes locais criam dispositivos de aproximação que visam favorecer a convivência inter-religiosa. Trata-se de um terreno definido pelas práticas da negociação. Mas essas práticas necessitam de novas formas de conhecimento e reconhecimento.¹³

Em estudos recentes sobre o pluralismo religioso em meio prisional, mostrava-se como, em alguns contextos nacionais, se tornou possível ter uma política de alojamento que tivesse em conta a diversidade religiosa – como antes já tinha sido possível a partir de critérios de outra natureza, como o de fumador ou não-fumador. Neste contexto, a autêntica neutralidade do Estado pode passar, não pela invisibilidade do religioso na vida prisional, mas pelo seu reconhecimento, exigindo novas competências e novas formas de organização que melhorem as condições da vida quotidiana e moderem as possibilidades de conflito.¹⁴

Ordem coletiva, individualidade irredutível

Pode a história política da religião, no Ocidente europeu moderno, desenhar-se a partir do modelo clássico Igreja-Estado? A regulação dos conflitos tem estado bastante dependente de modalidades de negociação, que exigem das comunidades de pertença religiosa dispositivos de representação coletiva, nem sempre fáceis de implementar. Mas os dinamismos sociais são também legíveis a partir de um vaivém simbólico entre os projetos de uma salvação pela via da construção coletiva e as escolhas de uma salvação pela conversão individual. Neste modelo de análise, o religioso e o político não se opõem em si – essa oposição decorre do impacto das descontinuidades entre o social e o individual. Os processos de individualização do sentido e de autovalidação dos projetos de orientação existencial afetam os recursos disponíveis para a construção do laço social, com um assinalável impacto tanto na socialização política como na comunitarização religiosa.¹⁵ Os cruzamentos entre o liberalismo da conversão individual e o anúncio de uma ordem social redentora não pararam de se suceder. Alguns diagnósticos veem, assim, a atual crise do político como uma espécie de sucedâneo da anterior crise do religioso. Não serão essas duas crises, faces de uma mesma tensão que habita o dinamismo da modernidade europeia? O que é característico das sociedades modernas não é a constituição de uma simetria entre Estado e Igreja, atribuindo-lhes, respetivamente, a esfera do temporal e a esfera do espiritual. As tensões mais nucleares dão conta de uma outra diferenciação ou separação: o universo do social e o pluriverso do individual.¹⁶

13 Frégosi et Willaime 2001; Lamine 2004; Donnet 2013.

14 Sarg 2013; Béraud et al. 2016.

15 No quadro destas amplas remodelações, as instituições religiosas parecem apresentar uma maior plasticidade, quanto às formas de comunitarização dos crentes, do que as instituições do político (Hervieu-Léger 2001, 141-79).

16 Cf. Blaquart 2010, 61-63; Willaime 2004, 202-35; Hervieu-Léger 1999, 157-200; Dieckhoff 1997, 317-22; Michel 1994, 111-32.

A laicidade, como narrativa política, pretende proteger a ordem pública, mas de igual forma a liberdade de consciência individual. A lei e a liberdade de consciência implicam-se de forma paradoxal. A lei, em democracia, exige o desenvolvimento das competências que mobilizam o consenso dos cidadãos. Mas também pode dizer-se que não há forma de garantir a liberdade individual sem um direito na sociedade. Paradoxalmente, a lei constrange os indivíduos e, ao mesmo tempo, garante a sua liberdade de consciência. A falha que impede a total coincidência entre uma ordem coletiva e a individualidade irreduzível pode ser o lugar das mais nucleares tensões modernas. Assim, é necessário trabalhar sobre a hipótese de que a separação que melhor descreve o núcleo da política do simbólico na modernidade não se encontra na antinomia religião/política, mas na dissociação entre a esfera do sujeito (pessoal, interpessoal, afetivo, ético) e o mundo da objetividade coletiva (económico, político e social).¹⁷

A narrativa da autonomia do sujeito moderno – a mesma que antes justificou as teorias do fim da religião – pode explicar agora, afinal, as recomposições do religioso na cena pública. O reinvestimento nas funções sociais do religioso alimenta-se dos valores da liberdade individual, em particular, a liberdade de consciência. Nos debates e confrontos suscitados por determinadas intervenções normativas que visam diminuir o impacto das identidades religiosas mais musculadas, em nome de um comum ideal de cidadania, os “religiosos” criticam a intervenção estatal a partir da reivindicação de liberdade individual – as suas reivindicações não se apresentam, na cena pública, sob o imperativo de uma logocracia revelada ou sob a urgência da perpetuação de uma tradição. O religioso recompõe-se, assim, no âmago de uma narrativa ultramoderna.¹⁸

Epílogo

Não se deve perder de vista que os modelos de laicidade estão muito dependentes das forças em jogo num determinado espaço social. Nas últimas décadas, tornou-se necessário ter em conta que é a partir do imperativo da liberdade de consciência e da narrativa da emancipação individual que o religioso se recompõe na cena pública. O “último” Habermas pode documentar esta rotação de perspectiva, ele que pugna, na linha da Escola de Frankfurt, por uma modernidade reformista. A sua teoria da religião foi muito influente em alguns dos modelos de interpretação sociológica da secularização europeia, nos anos 80. A sua ascendência weberiana é clara, tendo em conta a importância atribuída aos processos de racionalização das mundividências (cf. 1981, I-II). Tal como outros “pais” da teoria social da secularização, o “último” Habermas reorientou as suas afirmações acerca da relevância social da religião, tendo em conta as transformações que conhecemos no curso das múltiplas modernidades.¹⁹

17 Cf. Blaquart 2010, 65; Willaime 2004, 235-49; Pace 1997, 339-46.

18 Cf. Willaime 2004, 229-58; Davie 2000, 176-94; Hervieu-Léger 1999, 201-52.

19 Estas reorientações distinguem-se, no entanto, das perspectivas de revisionismo teórico – entre as mais sonantes, conta-se a trajetória de Peter Berger (cf. Berger 1999; Teixeira 2003).

Numa das suas últimas obras sobre política e religião, regressou ao problema que nos ocupa a partir de uma outra perspetiva. Para Habermas, o Estado democrático não necessita de se fundamentar numa narrativa religiosa ou num referencial metafísico. O filósofo crê que a participação de todos no processo democrático garante a construção de ornamentos jurídicos baseados nos valores da razão pública. Mas este processo exige que os participantes aprendam a ver a realidade a partir do olhar do outro. Essa cultura da alteridade é essencial na construção dos consensos.²⁰

No quadro da racionalidade comunicativa, pensada por Habermas, um e outro, o crente e o não crente, descobrem a necessidade de compreender as suas diferenças e ambos participam, a partir dessas diferenças, na construção da esfera pública. Como observa Habermas, o Estado constituído democraticamente não se limita a garantir as liberdades negativas a sujeitos sociais preocupados com o seu bem-estar. Facilitando os contextos favoráveis à concretização das liberdades comunicativas, mobiliza os cidadãos para o debate público a acerca do que lhes diz respeito. Ora, como podem os cidadãos participar neste debate colocando entre parêntesis as suas mundividências, incluindo as que se declinam num sistema simbólico religioso? Tendo em conta os fundamentos das democracias liberais, como defender uma cidadania esquizofrénica, em que alguns cidadãos, no debate público, são convidados a colocar uma parte das suas convicções no limbo da impertinência social? Paradoxalmente, alguns dos símbolos da cidadania moderna, em particular no âmbito da defesa dos direitos cívicos – Martin Luther King ou Desmond Tutu –, participaram nessas lutas, mobilizando explicitamente as suas mundividências religiosas.²¹

Habermas vai mais longe, vendo nas tradições religiosas uma fonte possível de sabedoria, válida para a construção de consensos que vão para além do campo religioso, acerca da vida em comum, do que percebemos como mais ameaçante ou do que não encontra voz noutros modos de agir sobre o mundo.²² Neste contexto, reivindica a possibilidade de um agnosticismo aberto a novas aprendizagens. Assim, Habermas explora as vias de uma racionalidade aberta à crítica das práticas sociais com origem nas comunidades religiosas. No entanto, as religiões universais, assumindo os riscos de uma palavra pública, são estimuladas a procurar uma razão comum que promova a possibilidade de tradução da sua singularidade ultrapassando os riscos da sua própria exculturação. Como sublinhou Olivier Roy, no seu ensaio sobre a religião no contexto da mundialização contemporânea, é possível encontrar, entre os processos de reidentificação religiosa mais recentes, o mito da “santa ignorância” – a ficção de uma religião pura, fora das culturas. Este islamólogo vê nos revivalismos religiosos contemporâneos uma consequência da mundialização e destabilização das culturas. Este contexto cria condições favoráveis tanto para a exacerbação das diferenças, quanto para a estandardização das práticas.²³

20 Habermas 2009, 125-28.

21 Habermas 2009, 133-35.

22 Habermas 2009, 136-41.

23 Roy 2008.

REFERÊNCIAS

- Bail, Christopher. A. 2008. "The Configuration of Symbolic Boundaries against Immigrants in Europe." *American Sociological Review* 73:27-59.
- Béraud, Céline, Claire de Galember, et Corinne Rostaing. 2016. *De la religion en prison*. Presses Universitaires de Rennes.
- Berger, Peter L., dir. 1999. *The Desecularization of the World: Resurgent Religion and World Politics*. Grand Rapids: Eerdmans.
- Blaquart, Jean-Luc. 2010. "Religion et politique: les avatars du salut chrétien." In *Dieu et César, séparés pour coopérer?*, dir. J.-Y. Baziou, J.-L. Blaquart et O. Bobineau, 55-67. Paris: Desclée de Brouwer.
- Davie, Grace. 2000. *Religion in Modern Europe: A Memory Mutates*. Oxford University Press.
- Debray, Régis. 2002. *L'Enseignement du fait religieux dans l'école laïque: Rapport au Ministre de l'Éducation Nationale*. Paris: Odile Jacob – SCEREN.
- Dieckhoff, Alain. 1997. "Logiques religieuses et reconstruction démocratique." In *Religion et Démocratie: nouveaux enjeux, nouvelles approches*, dir. P. Michel, 317-38. Paris: Albin Michel.
- Donnet, Claire. 2013. "Organisations musulmanes et pouvoirs locaux: concurrence et normalisation par l'islam civil à Strasbourg." In *Quand le religieux fait conflit: désaccords, négociations ou arrangements*, dir. A.-S. Lamine, 33-45. Presses Universitaires de Rennes.
- Fath, Sébastien. 2013. "L'affaire des minarets en Suisse et les réactions évangéliques. Approche comparée Suisse/France." In *Quand le religieux fait conflit: désaccords, négociations ou arrangements*, dir. A.-S. Lamine, 161-71. Presses Universitaires de Rennes.
- Frégosi, Franck, et Jean-Paul Willaime, dir. 2001. *Le religieux dans la commune: Les régulations locales du pluralisme religieux en France*. Genève: Labor et Fides.
- Galember, Claire de. 2003. "La gestion publique de l'islam en France et en Allemagne." *Revue Internationale et Stratégique* 52: 67-78.
- Habermas, Jürgen. 1981. *Theorie des kommunikativen Handels*, 2 vols. Frankfurt: Suhrkamp.
- . 2009. *Zwischen Naturalismus und Religion: Philosophische Aufsätze*. Frankfurt: Suhrkamp.
- Hervieu-Léger, Danièle. 1999. *Le pèlerin et le converti: la religion en mouvement*. Paris: Flammarion.
- . 2001. *La religion en miettes ou la question des sectes*. Paris: Calmann-Lévy.
- Hirschman, Albert O. 1994. "Social Conflicts as Pillars of Democratic Market Society." *Political Theory* 22: 203-18.
- Lamine, Anne-Sophie. 2004. *La cohabitation des Dieux: Pluralité religieuse et laïcité*. Paris: Presses Universitaires de France.
- . 2013. "Stratégies, différenciations et compromis: vers une grammaire de la conflictualité à dimension religieuse." In *Quand le religieux fait conflit: désaccords, négociations ou arrangements*, dir. A.-S. Lamine, 213-34. Presses Universitaires de Rennes.
- Lorcerie, Françoise. 2013. "Usages publics de l'islam en France: entre altérité et établissement." In *Quand le religieux fait conflit: désaccords, négociations ou arrangements*, dir. A.-S. Lamine, 15-32. Presses Universitaires de Rennes.
- Mafra, Clara. 2002. *Na posse da palavra: religião conversão e liberdade*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Mapril, José. 2012. *Islão e transnacionalismo: uma etnografia entre Portugal e o Bangladesh*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- McLeod, Hugh. 2007. *The Religious Crisis of the 1960s*. Oxford University Press.
- Michel, Patrick. 1994. *Politique et religion: la grande mutation*. Paris: Albin Michel.
- Milot, Micheline, Philippe Portier, et Jean-Paul Willaime, dir. 2010. *Pluralisme religieux et citoyenneté*. Presses Universitaires de Rennes.
- Pace, Enzo. 1997. "Logos versus demos." In *Religion et Démocratie: nouveaux enjeux, nouvelles approches*, dir. P. Michel, 339-60. Paris: Albin Michel.
- Roy, Olivier. 2008. *La sainte ignorance: le temps de la religion sans culture*. Paris: Seuil.
- Sarg, Rachel. 2013. "La pluralité religieuse en milieu carcéral: ajustements et gestion des conflits." In *Quand le religieux fait conflit: désaccords, négociations ou arrangements*, dir. A.-S. Lamine, 63-76. Presses Universitaires de Rennes.

- Sarró, Ramon, et Ruy Llera Blanes. 2010. "Profetas e missionários: reflexões sobre as Igrejas angolanas em Lisboa." In *Religião em movimento: imigrantes e diversidade religiosa em Portugal e Itália*, dir. H. Vilaça, 141-53. Porto: Estratégias Criativas.
- Teixeira, Alfredo. 2003. "Berger versus Berger. O ocaso da religião ou o seu regresso à cidade secular?" *Theologica*, 2.ª série, 38:249-72.
- Vivarelli, Clémentine. 2013. "L'ambivalence des pratiques laïques en milieu scolaire : la régulation de l'islam visible." In *Quand le religieux fait conflit: désaccords, négociations ou arrangements*, dir. A.-S. Lamine, 95-107. Presses Universitaires de Rennes.
- Willaime, Jean-Paul. 2004. *Europe et religions: les enjeux du XXI^e siècle*. Paris: Fayard.



A carreira do Professor José Augusto Ramos marcou, na paisagem académica do nosso país e da lusofonia, o panorama da História da Antiguidade e dos Estudos Bíblicos, assim como várias gerações de historiadores, tradutores, investigadores, professores, pensadores e leitores. Com ele, aprendemos a pensar, a traduzir, a historiar. Estes dois volumes recolhem textos dos seus amigos, colegas, discípulos e alunos, em tributo à generosidade e influência de um Mestre, e guardam a memória institucional de um percurso de uma importância única para a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e para os esforços multisseculares de tradução da Bíblia na nossa língua.

Imagens de capa e contracapa:
Almada Negreiros, *A fuga dos hebreus do Egipto conduzidos por Moisés*, 1961
Gravuras Incisas da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa
Fotografia por: Amílcar Guerra